



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO ACADÊMICO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA**

SUÉLEN NERI CARLOS DOS SANTOS

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA CIDADE DE GUARABIRA – PB

GUARABIRA

2010

SUÉLEN NERI CARLOS DOS SANTOS

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA CIDADE DE GUARABIRA – PB

Trabalho de conclusão de curso.
Artigo apresentado ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof^a. Ms. Paula Rejane Fernandes.

GUARABIRA

2010

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S484m Santos, Suélen Neri Carlos dos
Memória e patrimônio histórico da cidade de Guarabira/PB
[manuscrito] / Suélen Neri Carlos dos Santos. - 2010.
23 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2010.
"Orientação: Paula Rejane Fernandes, Departamento de
História".

1. Patrimônio. 2. Memória. 3. Preservação. I. Título.
21. ed. CDD 981.33

SUÉLEN NERI CARLOS DOS SANTOS

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA CIDADE DE GUARABIRA – PB

Artigo apresentado ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

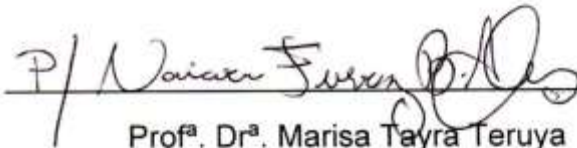
Orientador: Prof^a. Ms. Paula Rejane Fernandes.

Aprovada em: 14/julho/2010.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Ms. Paula Rejane Fernandes (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dr^a. Marisa Tayra Teruya
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Eltern Campina Vale
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À memória
daquele que sempre será minha
referência de vida íntegra e sempre terá
minha total admiração e respeito, meu
amado e inesquecível pai Ernande Carlos
(*in memoriam*), DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus; de onde provém toda sabedoria, a minha gratidão por me tornar capaz de ser e pensar.

Aos meus pais, pela educação que me deram e pelo incansável zelo.

Ao corpo docente da Universidade Estadual da Paraíba – Camus III; em especial às professoras Marisa Tayra Teruya e Paula Rejane (orientadora), pelo comprometimento e presteza para comigo e este trabalho.

Ao professor Martinho Alves de Andrade pela gentileza e atenção.

“A memória pendura-se em lugares,
como a história em acontecimentos”.
Pierre Nora, 1993

RESUMO

O presente estudo faz uma análise da memória da cidade de Guarabira atentando para o seu Patrimônio Histórico no que diz respeito ao seu estado de conservação nos dias atuais; se existe ou não alguma iniciativa pública ou privada em defesa da preservação. A partir de observações no centro – em torno de onde começou a povoação da cidade - percebemos que entre pequenos prédios “modernos”, ou seja, construídos há pouco tempo, com arquitetura mais simples; sem muitos detalhes, ainda se mantém alguns vestígios da arquitetura que possibilitam compreender a história dessa cidade. Portanto, são lugares de memória que guardam um passado relevante na formação da cidade. Tais lugares documentam um tempo da história da sociedade da cidade e monumentalizam seu passado; são, portanto documento/monumento e figuram na história de Guarabira como indispensáveis a releitura de sua história. Os Patrimônios citados neste trabalho são ícones da história guarabireNSE e de valor imensurável. A partir deles é possível conhecer como se deu a formação da cidade, como era a sociedade da época e a forma de organização urbana. A escolha desses ícones se deve a uma preocupação pessoal; a de que daqui há algumas décadas eles não existam mais na memória coletiva nem individual, pois, as relações estabelecidas com o patrimônio nos dias atuais propõe uma reflexão sobre o futuro da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio, Memória, Preservação.

ABSTRACT

This paper is a memory analysis of the Guarabira's city paying attention to your Historical Heritage with regard to their conservation in the present days; Whether there is any public or private initiative in their defense of preservation. From observations in the center - around where began the township of the city - we realize that among small "modern" buildings , in other words, recently built, with simpler architecture; without much details, still retains some traces of architecture that make it possible to understand the history of this city. Therefore, they are memory places that hold an important past in the city's formation. Such places document a history of time of the city's society and monumentalizam its past; They are therefore document / monument and they are listed in the Guarabira history as indispensable the rereading of its history. The Historical Heritages cited in this paper are guarabirenses history icons and they have immeasurable value. From them it is possible to know how was the city's formation, as was the time's society and as was the form of urban organization. The choice of these icons is due to a personal concern; To that in a few decades they no exist in the collective or individual memory, therefore, the relations established with the historical heritages in the present days proposes a reflection on the society's future.

KEYWORDS: Heritage; Memory; Preservation.

SUMÁRIO

1 – Introdução	11
2- Primeira instrução: como pensar as fontes de pesquisa história	11
3 – Segunda instrução: A relação entre memória e patrimônio.....	12
4- Guarabira e seus prédios.....	14
5- Considerações finais.....	20
Referências.....	22

1. INTRODUÇÃO

A princípio pretendíamos fazer uma pesquisa sobre as condições e políticas de preservação dos prédios antigos de Guarabira¹; guardiões de sua memória. Devido à existência de poucas fontes de pesquisa sobre os patrimônios da referida cidade optamos por fazer outro caminho. Sendo este o de convidar nosso possível leitor a fazer um passeio pela cidade de Guarabira, tendo como itinerário a visita a alguns prédios antigos. Estes foram selecionados por nosso olhar de passante que através da operação historiográfica² transmutou-se em olhar de historiadora-pesquisadora, e assim, pudemos atribuir outro lugar a paisagem concreta. O lugar de objeto de uma possível investigação histórica e/ou fonte de pesquisa.

Para realizar nosso passeio juntamente com o leitor, é preciso que o mesmo receba algumas instruções sobre fonte de pesquisa, patrimônio, memória. Depois disso, podemos começar nossa caminhada. Objetivando torná-la mais atrativa, inserimos no texto imagens dos prédios citados.

2 – PRIMEIRA INSTRUÇÃO: COMO PENSAR AS FONTES DE PESQUISA HISTÓRICA

Pensamos as fontes históricas não como um documento comprobatório de que o fato aconteceu ou uma verdade absoluta a respeito do passado. Pelo contrário, entendemos como vestígios do passado³ legados ao presente. No caso das fontes materiais, a exemplo dos prédios e edifícios, trata-se de vestígios erguidos em pedra, cimento e cal.

Nosso olhar busca ver os prédios não como paredes silenciosas, mas enquanto texto que ajuda a nós historiadores entender um pouco a respeito da passeidade, ou seja, do tempo transcorrido; dos projetos de cidade criados e idealizados pela municipalidade; das inovações e avanços arquitetônicos, das mudanças em torno da

¹ **Guarabira** é um município do Agreste Paraibano, localiza-se a 98 quilômetros de João Pessoa, capital do estado. A estimativa da população em 2009, segundo o IBGE, era de 56.136 mil habitantes.

² Ver CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: A Escrita da História. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. pp. 65- 119.

³ Ver L E GOFF, Jacques. História e Memória. 2ª ed. São Paulo: Unicamp, 1992.

organização, estruturação e uso do espaço. Além disso, fornece pistas sobre a memória (ou memórias) existentes no espaço citadino. Uma vez que a demolição ou conservação de prédios está relacionada à disputa constante entre duas grandes forças: o lembrar e o esquecer.

3 – SEGUNDA INSTRUÇÃO: A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

A disputa entre o lembrar e o esquecer é mediada pelo ato de escolher. E escolher o que permanece e/ou o que se apaga não é uma ação desprovida de neutralidade, pelo contrário, está inserida dentro de um jogo de interesses no qual se seleciona as memórias tidas e aceitas como importantes para elaboração de uma identidade já construída ou para criação de uma nova identidade.

Essa disputa é presenciada por nós diariamente no espaço citadino, enquanto andamos percebemos que alguns prédios foram demolidos para dar lugar à construção de edifícios novos, por sua vez, outros são preservados e nomeados como patrimônio histórico e cultural da cidade, do estado e à vezes do país. Mas o que faz uma construção ser tombada e transformada em patrimônio histórico enquanto outra é demolida?

Há muitas respostas, uma delas está relacionada à memória escolhida para servir de suporte a construção de identidades bem como produção de narrativas históricas sobre uma cidade. Isso faz com que se conservem os prédios relacionados às memórias aceitas e reconhecidas como válidas (por que não dizer menos perigosas?) e destruam os associados às lembranças nomeadas como negativas.

Para ilustrar isso, citamos dois exemplos. O primeiro exemplo refere-se à demolição em 1893 do Cortiço Cabeça de Porco localizado na cidade do Rio de Janeiro. A destruição do cortiço foi autorizada pelo prefeito do Rio, Barata Ribeiro, partindo da alegação do espaço ser foco de doenças e reduto de malandros. Segundo, o historiador Sidney Chalhoub, além desses fatores havia o desejo de suprimir os vestígios de uma memória relacionada ao passado escravocrata vivido pelo Brasil, uma vez que, os cortiços estavam associados a luta negra contra a escravidão⁴.

⁴ Para buscar mais informações ver CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

O segundo exemplo trata-se do bota abaixo realizado durante a segunda gestão de Vergniaud Wanderley⁵ como prefeito de Campina Grande – PB, nos anos de 1940 a 1945. Em 1940, ele começou a reformar a cidade calçando ruas, apagando ruas estreitas para dar lugar a avenidas largas, como a Floriano Peixoto cortando, demolindo casarões antigos associados ao passado colonial e construindo para a urbe uma nova memória agora ligada a ideia de progresso. A partir dessa memória visava-se tecer para a Rainha da Borborema a identidade de cidade moderna e irmanada com o progresso⁶.

Isso acontece, segundo Martha Abreu, devido as políticas de memória. Elas criam mecanismos de preservação do passado transformando-o em patrimônio⁷ material e imaterial. Um desses mecanismos foi a criação de um órgão de preservação histórica no ano de 1930, o IPHAN⁸ (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Na década de 1930, quando se criou o Iphan, a discussão sobre o patrimônio histórico e artístico nacional foi de alguma forma perdida (ou não priorizada) pelos historiadores de então. Os arquitetos e artistas plásticos dominaram as diretrizes do órgão em quase toda a sua existência, o Iphan tornou-se predominantemente um local de discussão sobre que estilos arquitetônicos e artísticos deveriam ser preservados. (ABREU, 2007, p. 355-6)

Para evitar que o tombamento de prédios seja realizado obedecendo unicamente a estética, é preciso que nós historiadores comecemos a pensar os prédios

⁵ Vergniaud Wanderley foi prefeito de Campina Grande nos anos de 1936 a 1937; 1940 a 1945.

⁶ Para mais informações sobre a reforma urbana em Campina Grande, ver SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. Territórios: Campina Grande, 1920-1945. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

⁷ Segundo RODRIGUES, originalmente a palavra patrimônio está ligada à herança familiar, aos bens materiais. No século XVIII, na França, o governo tomou as primeiras medidas de proteção aos monumentos de valor para a história das nações; daí então, o uso do termo “patrimônio” se estendeu para os bens protegidos por lei e pela ação de órgãos criados para esse fim, nomeando-se patrimônio como o conjunto de bens culturais de uma nação. (RODRIGUES, 2003, p16).

⁸ Quando de sua fundação, o IPHAN protegia somente os bens materiais, somente em 4 de agosto 2000, após o decreto 3.551, é as festas, as manifestações religiosas, as comidas e danças, enfim as manifestações culturais passaram a ser investigadas e protegidas por esse órgão público.

como vestígios do passado e como elementos que ajudam a compor a identidade de uma cidade, de um estado e de um país.

Como podemos perceber, a preocupação do governo brasileiro em preservar o patrimônio histórico é relativamente nova e pode ser datada com a fundação do IPHAN. Mas, antes da sua fundação já havia algumas tentativas de criar formas de proteger o patrimônio histórico. Em 1923, o deputado Luiz Cedro sugeria a criação de uma Inspeção dos Monumentos Históricos dos Estados Unidos do Brasil, com a finalidade de preservar imóveis públicos e privados. No final dos anos de 1920, o deputado e historiador Wanderley Pinto elaborou um projeto de lei a respeito da preservação de patrimônio material e incluiu no mesmo a preservação da arquitetura, portas, azulejos, colunas, tetos, pinturas, enfim, todas as partes que compunham o imóvel. (LEMOS, 2004)

O patrimônio pode ser pensando tanto como fonte de pesquisa, ponto discutido por nós anteriormente, quanto como monumento que é preservado objetivando manter e perpetuar a memória de uma família, um grupo e/ou uma cidade. Enquanto historiadores-pesquisadores que passeamos pela cidade devemos olhar e ler os prédios não apenas como parte da paisagem, pois eles nos fornecem pistas a respeito das mudanças no espaço citadino, das tensões entre o lembrar e o esquecer.

Depois dessas instruções, convidamos o leitor para enfim visitar alguns prédios de Guarabira.⁹

4- GUARABIRA E SEUS PRÉDIOS

Guarabira, assim como as demais cidades, busca preservar os prédios que ajudam a compor uma memória segura para si mesma e para seus habitantes, mais precisamente, os habitantes que compõem a elite econômica e política da cidade. A exemplo do casarão onde hoje é o Centro de Documentação Cel. João Pimentel; tombado pelo IPHAEP, pertenceu a uma das três tradicionais famílias políticas da cidade; a Família Pimentel. Em 18 de junho de 1988 foi doada a administração municipal.

⁹ Nosso critério para escolha dos prédios foi o da temporalidade, sendo assim, escolhemos prédios do século XIX e meados do século XX.



Centro de Doc. Cel. João Pimentel Filho. Localizado na Praça Nossa Senhora da Luz
Imagem pertencente ao acervo particular de Suélen Neri.

A Praça João Pessoa, construída em 1932, recebeu o nome do ilustre político paraibano.



Praça João Pessoa – Atualmente
Imagem pertencente ao blog do Prof. Martinho

O prédio dos Correios inaugurado em 1932 é associado à administração municipal de Tertuliano Ferreira de Melo.



Prédio dos correios. Localizado na Praça João Pessoa
Imagem pertencente ao acervo de Suélen Neri

O Fórum da cidade recebeu o nome de um ex-prefeito de Guarabira, o farmacêutico Augusto de Almeida, considerado um dos principais renovadores do burgo guarabirense. Construído na década de 50, o prédio original foi demolido para a construção do atual.



Fórum Dr. Augusto de Almeida - Atualmente

Assim como a Escola Estadual Antenor Navarro fundada em 9 de março de 1933 através do decreto nº 369. A escola recebeu esse nome como forma de homenagear a memória daquele que tornou a educação gratuita e de direito de todos no Estado da Paraíba. Na época, fins dos anos 20, a educação era particular e domiciliar. O Estado não se responsabilizava em alfabetizar.

A fachada externa é mantida até hoje.



Escola Antenor Navarro.
Imagem pertencente ao acervo particular de Suélen Neri

Também existe o interesse em demonstrar a presença, a marca da família na cidade, mais precisamente das famílias de elite que buscam mostrar o quanto já foram ou ainda são abastadas; o que já possuíram ou o que possuem. Percebemos isso na casa e no antigo armazém da família Cunha Rêgo. O patriarca era um dos maiores comerciantes de Guarabira no início do século XX. O casarão hoje pertence a família Madruga sendo aquele adquirido como pagamento de dívidas. Por décadas encontrou-se em estado de abandono. Somente em 2015 a administração municipal o restaurou e hoje abriga a Casa da Cultura. Onde funcionava o armazém funcionam hoje pequenos estabelecimentos comerciais.



O casarão no começo do século XX



Acervo particular de Suélen Neri

Não menos importantes são os patrimônios religiosos; símbolos da fé de um povo. A Catedral de Nsa. Sra. da Luz; a que primeiro foi construída, data de 1730. Sofreu alterações ao longo do tempo e finalmente, a partir de 1908, ganhou o modelo arquitetônico que lhe é preservado até hoje. A diocese local, juntamente com o IPHAEP, realiza um trabalho de conservação louvável. Periodicamente são realizadas manutenções no monumento que; particularmente, considero o mais belo de todos.



Catedral Nossa Senhora da Luz.
Imagem pertencente ao acervo particular de Suélen Neri

Falamos de preservação, mas muitas vezes esquecemo-nos de fazer uma pergunta ao contrário, ou seja, o que foi esquecido? Fazer essa pergunta permite-nos indagar sobre a relação estabelecida de modo muitas vezes tenso, entre o lembrar e o esquecer. As pesquisas quase sempre giram em torno do lembrar, dos imóveis tombados, das práticas culturais tornadas patrimônios imateriais. Mas por que não nos perguntamos pelo que foi esquecido? Por que não fazer uma história dos prédios demolidos para a edificação de novos ou fazer uma história dos prédios que vão caindo

silenciosamente e levam consigo vestígios de memórias de famílias, de grupos sociais, e da própria cidade?

Esse embotamento e apagamento gradativo da memória nos fazem pensar enquanto historiadores-pesquisadores e também enquanto cidadãos habitantes de uma cidade e que trafegam pela mesma diariamente, sobre a luta entre os vestígios do passado. Os vestígios mais fortes conseguem consolidar-se como memória válida, memória legitimada e nomeada como representante de um grupo e suporte para elaboração de narrativas produtoras de identidades. Partindo disso, aqui lançamos uma pergunta ao nosso possível leitor sobre alguns prédios de Guarabira. Diante disso, indagamos a respeito da não conservação de dois prédios, sendo estes, o prédio onde fica o único museu da cidade, Museu Ronaldo Cunha Lima. O prédio é da década de 30 e já foi uma casa de família da época. Hoje, o descaso com sua representatividade é clara; o mesmo se mantém fechado há mais de uma década. O desuso usurpa-lhe o brilho.



Museu Ronaldo Cunha Lima
Imagem pertencente ao acervo particular de Suélen Neri

O apogeu de Guarabira se deu no século XX; alcançou verdadeira dimensão quando emergiu a modernização localista. A presença da Igreja, os cinemas, os teatros, as tipografias responsáveis por publicações e livros de cordel fizeram tanto pela fisionomia da cidade quanto o trem, antigas firmas exportadoras e comboeiras; hoje substituídos por ônibus e caminhões.

A urbanização guarabirensis propiciou a fusão do desenvolvimento com a cultura.

E a Estação da Estrada de Ferro Conde D'Eu, inaugurada em 04 de junho de 1884. Nesse período era o símbolo da modernidade no século XIX. A cidade que tinha uma estação de trem era considerada como estando em conexão com o mundo, com as portas abertas para a comunicação. Segundo Aranha,

[...] a importância que as estações de trem assumem, na vida cotidiana local, como espaços nos quais e através dos quais as comunicações adquirem feições modernas, em particular no tocante à agilização dos correios, com a entrega rápida da correspondência e de jornais por assinatura. (ARANHA, 2003, p. 89)



Estação Ferroviária - Bairro da Esplanada

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse breve passeio por Guarabira onde descrevemos alguns prédios da cidade, esperamos que nosso possível leitor veja a urbe como um texto de escritura contínua e de sentidos múltiplos. Mesmo estando em constante mudança alguns trechos são conservados e tidos como pontos importantes para a manutenção da lógica do texto. E, enquanto historiadores, nós precisamos manter nosso olhar investigativo a respeito das permanências e mudanças, pois esse jogo produz narrativas justificadoras e

legitimadores de inclusão e exclusão social. Entender esse jogo permite a nós transformar o presente em algo um pouco diferente do passado.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Gervácio Batista. Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). IN: AGRA DO Ó, Alarcon *et alli*. **A Paraíba no Império e na República: Estudos História Social e Cultural**. João Pessoa: Editora Ideia, 2003. pp. 79-132.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: **A Escrita da História**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. pp. 65- 119.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e Cotidiano: Os Patrimônios Culturais como gênero de discurso. IN OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (org). **Cidade: História e Desafios**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. pp 15-24.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2ª ed. São Paulo: Unicamp, 1992.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LIVRO DE TOMBO Nº 1 DO ACERVO DA DIOCESE DA CIDADE – CATEDRAL DE NOSSA SENHORA DA LUZ .

MELO, Moacir Camelo de. **Itinerário Histórico de Guarabira**. João Pessoa: Artgraf, 1999.

MOTTA, Lia. Cidades Mineiras e o IPHAN. In OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (org). **Cidade: História e Desafios**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. pp. 125-139.

OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. Memória, História e Patrimônio Histórico. In MENESES, Joedna Reis ET OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (org). **Anais do IX Encontro Estadual de Professores de História**. João Pessoa: Sal da Terra, 2000.

PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas. In OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (org). **Cidade: História e Desafios**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. pp. 140-155.

RODRIGUES, Marly. Preservar e Consumir: O Patrimônio Histórico e o Turismo. In FUNARI, Pedro Paulo ET PINSKY, Jaime. (orgs). **Turismo e Patrimônio Cultural**. 3^a ed. São Paulo: Contexto, 2003. pp. 108-155.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Territórios de confrontos: Campina Grande, 1920-1945**. Campina Grande: EDUFCEG, 2006.